



O LADO BOM DO LIXO

Em São Leopoldo, 23 catadores de uma associação vivem do que é descartado pela sociedade

“Pensei, então, que se eu fosse Papa, tomaria logo algumas providências. Primeiro, criaria uma ordem religiosa cuja missão seria catar o lixo do mundo. Ao lado das ordens que se dedicam a ensinar, das ordens que se dedicam a cuidar dos doentes, das ordens que se dedicam a pregar, das ordens que se dedicam a orar, haveria uma ordem que se dedicaria a catar lixo. Por onde que ela passasse, seria aquela felicidade: o lixo desapareceria.”

Trecho do texto *O Lixo*, do escritor Rubem Alves,

TEXTO **FERNANDA PREUSSLER** FOTOS **MARIANA BECHERT**

Até que não seria má ideia se todos, não só os religiosos, tivessem esta missão: catar e também separar o lixo, pois viveríamos mais livres das doenças e em harmonia com a natureza.

Quem trabalha como catador, no entanto, é desmoralizado e discriminado. Mas basta ir até um galpão de coleta para ver o quanto esses trabalhadores se submetem a condições quase nulas de higiene, tanto para se sustentar quanto para fazer o bem ao meio ambiente. Eles são mais que catadores. São coletores da falta de educação e da ignorância de uma sociedade que valoriza o consumo e não reflete sobre o descarte.

Em São Leopoldo, município da Região Metropolitana de Porto Alegre, são produzidos 70 mil toneladas por mês de lixo e 12 mil chegam no galpão da Associação dos Trabalhadores Urbanos de Recicláveis Orgânicos e Inorgânicos (Aturoi) - Núcleo Vitória. Neste ponto, localizado no bairro Vicentina, com alto índice de violência, trabalham 23 catadores que juntos conscientizam, recolhem, vendem e se servem com o que encontram de bom no lixo. E lixo tem lado bom? Sim, muitas coisas úteis e boas são encontradas no lixo.

Conheci esse galpão de reciclagem em 2006 quando trabalhei num projeto social. Sempre pensei em voltar lá e desvendar o que havia de bom por baixo daquelas montanhas de lixo e das mãos calejadas dos trabalhadores. Na primeira vez em que estive no Núcleo Vitória, estava com receio de ver um lugar totalmente imundo e malcheiroso.

Ao chegar, vi dois rapazes carregarem uma carga de lixo na frente do galpão. Eram 10h30min e eles estavam sem camisa. Mesmo assim, suavam muito, pois os sacos de lixo eram enormes, pareciam bem pesados e a distância que tinham que carregá-los era grande.

Esse galpão de reciclagem é especial. Eles não só fazem a coleta nos bairros, mas conscientizam as pessoas. Isso ocorre da seguinte forma: seis coletores vão de bicicleta de casa em casa em seis bairros e entregam um panfleto explicando a importância de separarem o lixo e que tipo de material eles coletam. Também entregam um saco plástico, cedido pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente, que o morador pode utilizar para colocar os resíduos secos. Eles passam cada dia em bairros diferentes. Os moradores conscientizados colaboram muito com os recicladores. “Muitos nós já conhecemos pelo nome”, afirma Cristiane da Rosa, assistente administrativa do galpão. Eles doam garrafas plásticas,

televisores, microcomputadores, bicicletas, sucata e até mesmo geladeira e fogão.

A coleta porta a porta

Um dos recicladores fica em uma esquina do bairro, em um local denominado por eles de "eco-ponto". Então um caminhão cedido pela prefeitura passa e recolhe tudo que foi arrecadado no dia e leva para o galpão. O caminhão larga tudo na calçada em frente à reciclagem e os associados carregam para dentro do galpão e fazem a separação.

O trabalho é de formiga. Pouco a pouco eles conseguem tirar tudo de frente da calçada. O galpão tem uma mesa de triagem onde trabalham, no mínimo, quatro pessoas. Elas separam papel, de um lado, e plástico, de outro. Cada material tem suas subdivisões. Por exemplo, o papel pode ser colorido, mais espesso, branco, e o plástico pode ser colorido ou transparente.

Os catadores não usam proteção alguma. Suas mãos já fazem um pega-e-ensaca automático. Os olhos já são treinados. Tudo é separado devidamente. Os resíduos são os materiais aproveitáveis: garrafas de vidro, plásticos, papel e sucata. O lixo é tudo que



não se pode reciclar (papel higiênico usado, fraldas descartáveis), e vai fora.

Margerie Alvez da Rosa, 60 anos, que começou como catadora e hoje trabalha só no galpão, me explica que cada material é separado em grandes tonéis azuis e tem um nome e um valor diferente de venda. "Há mais de 20 anos trabalho nessa área. A diferença é que agora eu não preciso fazer a coleta na rua, apenas faço a separação na mesa de triagem", conta Margerie, chamada de "vó" pelos outros recicladores.

Na triagem, conheci Aura Bonciano, 45 anos, sua filha Juliete

Bonciano Pereira, 18 anos, e Vera Lúcia dos Santos Rodrigues, 50 anos. Elas estavam bem tímidas quando cheguei. Passados alguns minutos de entrevista, ficaram mais descontraídas e começaram a me contar o que de interessante já encontraram na triagem. Uma rindo da outra, foram contando que a brincadeira com Margerie é que ela vai para os bailes que acontecem na cidade "vestida de Aturoi", em referência à sigla da associação. Ela conta então que vai mesmo aos bailes e não vê por que não ir com as coisas que encontra. Muito vaidosa, Margerie mostra o braço cheio de pulseiras e anéis que encontra no lixo.

Em meio à demonstração da Vó Margerie, suas colegas gritam que o que mais gostam de encontrar é dinheiro. E que muitas vezes acham quantias altas. E a regra é: achou, pegou! Se a pessoa que achar não precisar do utensílio, ele é vendido para outro que tenha interesse dentro ou fora da associação. Existe até mesmo uma tabela de preços que aponta o valor dos itens mais achados e esse dinheiro extra que entra vai para a divisão dos lucros, que se dá pelas vendas de todos os resíduos arrecadados e vendidos no final do mês.



IMPRESSÃO DE REPÓRTER

Como disse na matéria, já tinha estado nesse galpão de reciclagem de resíduos, e não lixo, como estamos acostumados a dizer. E desejava voltar lá para fazer alguma reportagem contando que por trás daquele lugar cheio de papéis, garrafas, sucatas e algum lixo havia pessoas dignas e que são discriminadas diariamente. A Vó Margerie me falou o tempo todo, enquanto eu fazia a matéria, que ela, às vezes, quando passa em frente a uma casa e pede o saco de resíduo, ouve o proprietário da residência gritar: "Vai trabalhar, vagabunda! Vai arranjar um emprego!". Sinceramente, gostaria de ver essa pessoa fazendo a separação dos resíduos tão bem quanto Margerie na mesa de triagem. Garanto que essa pessoa não sabe a diferença entre o plástico colorido e o transparente. No entanto, as pessoas do galpão sabem disso e de outras coisas bem mais importantes. Enquanto estive lá, pude acompanhar o almoço delas e ver a solidariedade, que para muitos de nós seria inconveniente. Uma das recicladoras não havia trazido comida e a outra tinha bastante. Um pote plástico de sorvete. Então, ofereceu a metade da comida para sua colega. Ela aceitou. Comeu no mesmo pote e com o mesmo garfo. O importante era comer, e não as condições em que comiam. Aí me pergunto: não há um lado maravilhoso no meio de tanto lixo?